



## A ARTE DE FELICIANO LANA: A HISTÓRIA SOB PERSPECTIVA INDÍGENA

Larissa Lacerda Menendez  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)  
Endereço eletrônico: larissa.lacerda@ufma.br

Esta apresentação tem como objetivo abordar a realidade indígena no Brasil a partir da análise das obras de Feliciano Lana, Sibé, artista indígena da etnia Desana da área cultural do Rio Negro, Amazonas. Feliciano Lana influenciou artistas da atualidade como Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Daiara Tukano. Sua obra retratou a criação do universo segundo a perspectiva de seu clã, *Kehiriporã*, a história da colonização iniciada pela catequização dos salesianos, as atrocidades cometidas pelo Serviço de Proteção aos índios na região do Rio Negro, Amazonas. Retratou ainda a história do garimpo na Serra da Traíra na década de oitenta (área indígena Tukano-Desana). Desde a análise da obra de Feliciano Lana, partimos do pressuposto de que as artes indígenas se constituem como lugares de memória, história e resistência, registrando acontecimentos ocultados nas narrativas oficiais sobre povos originários no Brasil. A partir de seu trabalho debateremos questões atuais que ameaçam os povos indígenas.

No campo das Artes Visuais, as produções indígenas foram oficialmente reconhecidas a partir da implementação da lei nº 11645/08, que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena, Africana e Afro-Brasileira em todas as instituições de ensino, sobretudo por meio das disciplinas de Letras, História e Artes Visuais. Essa lei está contextualizada no campo das políticas de educação étnico-racial para combate ao racismo e às desigualdades sociais.

Atualmente, no Brasil, há 305 etnias, falantes de 274 línguas indígenas de diferentes troncos linguísticos. As populações indígenas, embora protegidas por lei, sobretudo na Constituição Federal, vivem em contextos de embates territoriais que, muitas vezes, ocasionam em violência e morte das lideranças.

Diante de um cenário desenhado com brutal hostilidade, é possível perceber que, no decorrer da história do Brasil, os povos originários foram perdendo seu lugar de relevância, tornando-se comunidades que estavam à margem da sociedade civil, muito embora, fossem cidadãos de direito como todos os outros.

Com o intuito de que a sociedade não-indígena se conscientize da existência de diferentes hábitos culturais, no território nacional, assim como se sensibilize a respeito



de sua cultura, este projeto visa produzir e aplicar conhecimentos acerca da cultura dos povos indígenas no campo das Artes Visuais, considerando principalmente os aspectos da formação do Ensino Superior, na Licenciatura em Artes Visuais do Maranhão e sua repercussão no Ensino Básico.

O projeto abrange alunos de graduação e pós-graduação com projetos de ensino e pesquisa vinculados à temática indígena dos povos no Maranhão, incluindo os Gamela, Tenetehara, Ka'apor. Um problema que se coloca a esta pesquisa é que a temática das artes indígenas abrange produções coletivas contemporâneas (produzidas nas aldeias na atualidade) e produções individuais, de artistas indígenas que circulam no meio das artes, museus, como Amatinawã Trumai, Jaider Eisbell, Feliciano Lana, entre outros. Assim, abordar a temática indígena no campo das Artes Visuais implica, necessariamente três aspectos principais: a classificação dos artefatos de acordo com a taxonomia presente em estudos anteriores, a abordagem da produção coletiva em suas diferentes modalidades, como cestaria, cerâmica e a abordagem das produções de artistas indígenas. Estes aspectos serão abordados na metodologia.

Apesar dos estudos antropológicos a respeito das artes na investigação da tradição e criatividade, a maioria das análises sobre as artes indígenas não considera os processos de criação, como se o fato de deter a tradição assegurasse o sucesso de seu uso por todos os indivíduos. Entretanto, Boas (1947, p. 263) destacou a existência de virtuosos na confecção de objetos, como o escultor haida Charles Edensaw. Ruth Bunzel, discípula de Boas, tratou da interação entre tradição e criatividade nas artes indígenas e Raymond Firth foi o pioneiro a reconhecer a autoria dos artistas indígenas (PRICE, 2000, p. 89). Atualmente, a produção de diversos artistas indígenas tem sido veiculada em espaços institucionais oficialmente reconhecidos no circuito das artes visuais (MENENDEZ, 2009, p.15).

A tese de doutorado de Lúcia Hussak Van Velthem (1995) intitulada: “O Belo é a Fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana” analisa a cestaria dos Wayana, povo indígena que vive no Pará e revela o profundo significado entre a cestaria e a cosmologia de suas tradições. Em estudos mais recentes (2014), a autora demonstra que os desenhos dos trançados e o próprio arumã, como matéria prima, são intimamente associados às práticas rituais e narrativas míticas. Destaca-se também a análise do significado das artes Wayana por Lúcia Van Velthem e diversas contribuições a respeito dos grafismos indígenas por pesquisadores da área de Antropologia. Vidal (1992) organizou “Grafismo Indígena” que apresenta um panorama sobre importantes



pesquisas realizadas na década de 1980. Na atualidade, podemos destacar a coletânea “Quimeras em diálogo”, organizada por Severi e Lagrou (2013) com as mais recentes análises sobre as produções indígenas. Nesta obra, os artigos organizados abordam as relações dos grafismos presentes em tecidos, bordados e pinturas indígenas, sob a perspectiva de uma Antropologia da Percepção, em que se objetiva analisar o estatuto e agência da imagem na sua relação com o universo cognitivo com o qual opera. A partir da constatação de que os grafismos indígenas são caracterizados por um minimalismo figurativo, que é muito característico destas artes, os autores analisam a relação entre as imagens mentais e a representação dos seres apresentados em diversos povos indígenas.

Dentro deste projeto realiza-se o mapeamento da Arte Indígena Contemporânea, marcada pela visibilidade de curadores, exposições e artistas indígenas como Sandra Benites, a primeira mulher Guarani a ser curadora do Museu de Arte de São Paulo, Denilson Baniwa, artista e curador da exposição Re-Antropofagia na Universidade Federal Fluminense (2019), Naine Terena, curadora da exposição “Véxoa: nós sabemos” na Pinacoteca do estado de São Paulo (2020), Jaider Esbell, artista e curador da exposição “Moquém Surarî” no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2021), apenas para citar alguns exemplos.

A partir deste cenário em que a visibilidade dos povos no campo das artes visuais se destaca, a importância do trabalho de Feliciano Lana, Sibé, falecido em 2019 durante a pandemia de Covid-19, é evocada pelos artistas como Denilson Baniwa, Daiara Tukano, como tendo sido herdeiros de um legado deixado pela obra de Feliciano Lana. Nesta apresentação abordaremos a obra de Feliciano, desde as primeiras ilustrações de “O começo antes do começo” até “A história dos Brancos” cujo catálogo será lançado em junho pelo Museu Etnológico de Berlim.

A metodologia inclui dados coletados em pesquisa de campo de mestrado (Iconografias do invisível: a arte de Feliciano e Luís Lana, 2009) e dados bibliográficos coletados a partir do Mapeamento de Artes Indígenas contemporâneas e de análise da obra mais atual do artista a partir da participação na elaboração do catálogo da exposição como autora convidada.

Em termos de resultados e discussões a respeito do tema, apresentaremos a visão da origem dos não-indígenas ilustrada pelo artista, denominados *pehkasó*, gente de fogo, visto que o primeiro homem branco, portava uma espingarda e foi expulso da convivência com os povos indígenas por ter atirado durante uma cerimônia sagrada. Em seguida, apresentaremos as pinturas sobre a época da catequização pelos salesianos,



marcada pela destruição das casas comunais e internato de crianças indígenas. Depois, analisaremos as pinturas de Feliciano Lana a respeito do Garimpo na Serra da Traíra e suas memórias sobre o capitão Manduca, durante o período do Serviço de Proteção ao Índio na região do Alto Rio Negro. Conclui-se que o trabalho de Feliciano Lana é um registro de memória e resistência dos povos indígenas, cuja temática dialoga com os problemas enfrentados pelos povos originários na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes indígenas. Sibé. Artes visuais.

74

## REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. *Arte Primitiva*. Tradução de Fábio Ribeiro. Coleção Antropologia. Editora Vozes, Petrópolis, 2014.

DINATO, D. *ReAntropofagia: a retomada territorial da arte*. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.276-284, set. 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>>. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.422>

ESBELL, Jaider. *Moquéem Surarî. Arte indígena contemporânea*. Museu de arte moderna de São Paulo, 2021.

GELL, Alfred. *Arte e agência*. Tradução de Jamille Pinheiro, 2018.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação* Belo Horizonte: C/ Arte, 2009.

LAGROU E SEVERI. *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas*. Coleção sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2013.

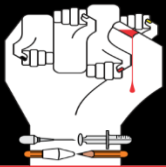
MENENDEZ, Larissa. *Iconografias do invisível: a arte de Feliciano e Luís Lana*. Editora Annablume, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Thiago e SCHOLZ, Andrea. *Feliciano Lana, Sibé*. Catálogo da exposição: A história dos Brancos. Museu Etnológico de Berlim. 2022.

PRICE, Sally. *Arte primitiva em centros civilizados*. Tradução de Inês Alfano. Editora UFRJ, 2000.

RIBEIRO, Berta. *A civilização da palha*. (Doutorado em Antropologia Social), f.530 .1980. – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1980. Universidade de São Paulo, 1980.

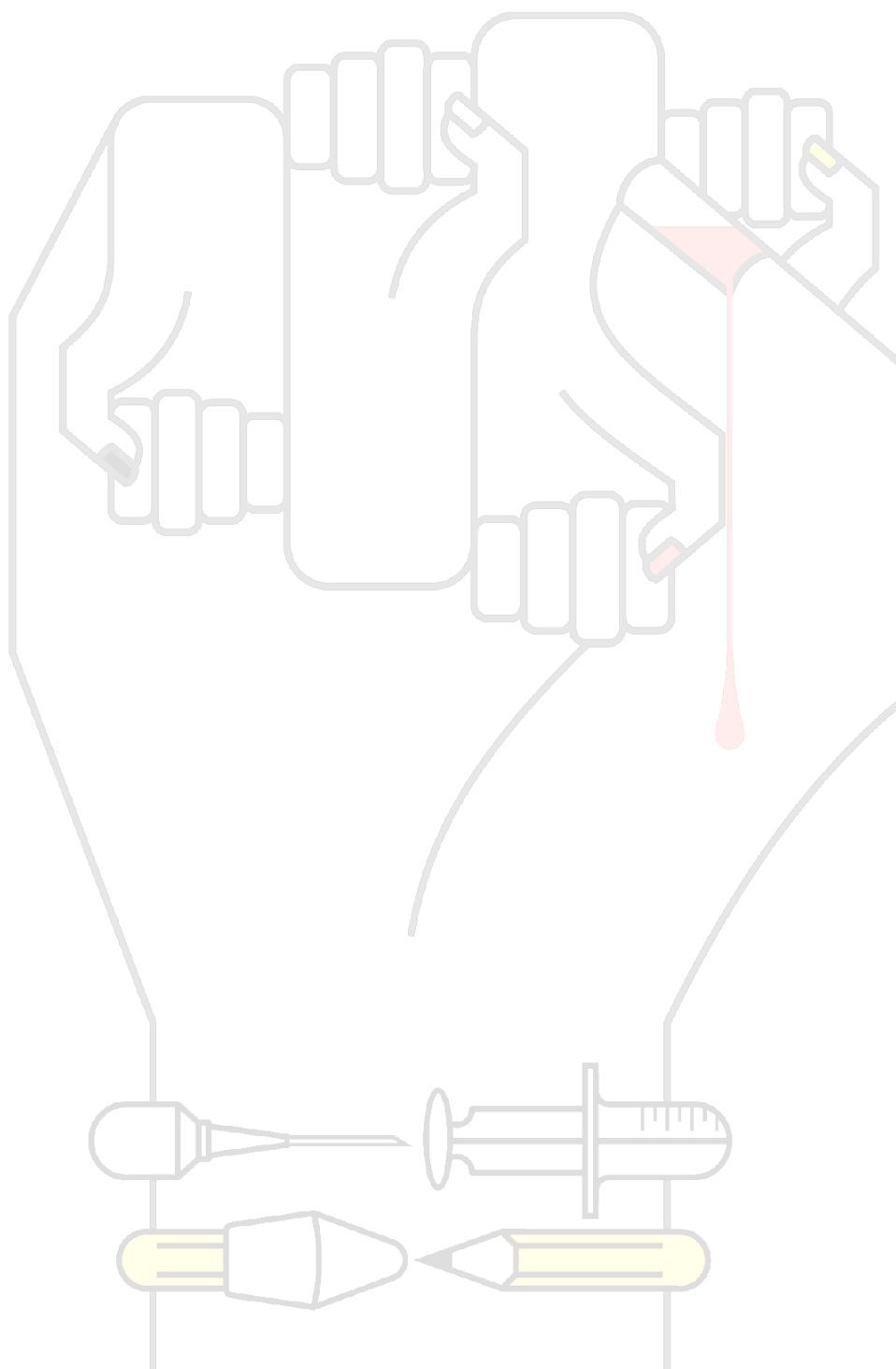
\_\_\_\_\_. *Arte indígena e linguagem visual*. Editora da Universidade de São Paulo, 1989.



TERENA, Naine. Trajetos. Catálogo da exposição Vêxoa: nós sabemos. Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2020.

VELTHEM, Lúcia Hussak van. O Belo é a fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana. Doutorado em...), f.446. 1995. – Programa de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1995.

VIDAL, Lux (Org.). Grafismo indígena. Local: Studio Nobel, FAPESP, EDUSP, 1992.



Realização:



Apoio:

